

Para realizar implantes de cabelo mais precisos e naturais, cirurgiões usam dispositivos que coletam os fios individualmente. Segundo estudo, a ferramenta revolucionou o procedimento

CANETAS extratoras são nova APOSTA

» PALOMA OLIVETO

Se até os anos 2000, para realizar transplantes capilares era preciso retirar grandes áreas do couro cabeludo, as últimas duas décadas trouxeram inovações que redefiniram os padrões de precisão e segurança. Em um estudo de revisão publicado no *Journal of Cutaneous and Aesthetic Surgery*, pesquisadores indianos sustentam que o setor vive, agora, uma nova era, impulsionada por abordagens menos invasivas, com destaque para ferramentas de extração dos fios em formato de caneta.

Esses dispositivos permitem a retirada individual dos fios da área doadora para serem implantados, depois, na região que receberá o cabelo. Assim, há melhora na qualidade dos enxertos e recuperação mais rápida, ressaltam os autores, do Departamento de Dermatologia do DermaClinix, um centro de pesquisa clínica em Nova Délhi.

“Essas canetas são aparelhos modernos que podem ajustar o tipo de movimento, como rotação, oscilação e vibração, conforme a necessidade da pele, se ela é mais oleosa ou seca, a textura e a espessura do fio para removê-lo”, explica Julio Pierezan médico tricologista, especializado em cirurgia de transplante capilar e pós-graduação em dermatologia. De acordo com o especialista, que é membro da Sociedade Brasileira do Cabelo (SBC), da International Society of Hair Restoration Surgery (ISHRS) e da World FUE Institute, o folículo extraído fica muito mais preservado para ser implantado na área receptora.

Segundo Pierezan, as canetas extratoras, citadas no estudo, contribuem para o bom resultado do transplante, pois o risco de se danificar os folículos é reduzido. “Sem contar que esses dispositivos agilizam a retirada dos fios, a área doadora também sofre menos, inclusive, com o sangramento, que acaba sendo menor. As cicatrizes ficam praticamente imperceptíveis”, diz.

No artigo indiano, os autores descrevem o uso das canetas para a realização do transplante pela técnica Follicular Unit Extraction (FUE). O procedimento é recomendado para quem sofre com a alopecia androgenética (calvície), um problema que leva o paciente à perda local ou difusa dos fios a longo dos anos. Também pode ser realizado nos casos de alopecias autoimunes, como a areata, que surge de forma repentina, produzindo falhas, como buracos, no couro cabeludo. Outras indicações são correção de cicatrizes e implante em regiões onde o

Bongkochrut - stock.adobe.com



Julio Pierezan/Divulgação

O sonho de ter longos fios pode ser concretizado por meio de nova técnica de enxertos e com recuperação rápida

tratamento clínico não surtiu efeito.

Uma das inovações da técnica FUE é o chamado FUE Long Hair, que dispensa a raspagem do cabelo. “Assim como na técnica tradicional, o transplante FUE Long Hair consiste na transferência de unidades foliculares, onde está localizada a raiz dos cabelos, de uma região saudável, chamada de área doadora, para locais afetados pela doença capilar. Mas o grande diferencial é que, agora, essas unidades foliculares podem ser coletadas sem a necessidade de raspar o cabelo, preservando o comprimento e a aparência natural dos fios da área doadora”, explica o Danilo S. Talarico, médico professor de Cirurgia Capilar, Dermatologia e Tricologia.

Inteligência artificial

Segundo os autores do artigo de revisão publicado no *Journal of Cutaneous and Aesthetic Surgery*, ainda há muito o que avançar nos transplantes capilares. Para o dermatologista Amrendra Kumar, autor correspondente do estudo e cirurgião do Instituto de Ciências Médicas da Índia, o futuro do procedimento está na integração de robótica e inteligência artificial aos sistemas de FUE.

“O uso de algoritmos capazes de identificar a melhor unidade folicular e de realizar cortes ultrafinos, ajustados em tempo real, promete reduzir

ainda mais os riscos de erro humano e acelerar os procedimentos”, argumenta Kumar. “A próxima fronteira é a cirurgia guiada por sensores táteis e inteligência artificial.”

O pesquisador esclarece que alguns sistemas robóticos já estão em operação, como o Artas, que utiliza câmeras de alta definição e análise automatizada para selecionar e extrair folículos com precisão quase microscópica. A tendência é que, nos próximos anos, esses equipamentos se tornem mais acessíveis e adotados mais amplamente pelos cirurgiões, acredita Kumar.

O médico Julio Pierezan reforça,

porém, que os avanços tecnológicos não significam que os transplantes são isentos de riscos. “Apesar de ser considerado um procedimento seguro e de baixo risco, a técnica FUE envolve anestesia local, tempo prolongado de intervenção e, em alguns casos, medicações específicas no pós-operatório”, diz.

O tricologista lembra que, antes de se submeter à técnica, é preciso passar por diversas avaliações. “A área receptora deve estar livre de quaisquer condições, como foliculite, psoríase ou câncer de pele. É extremamente importante que o paciente faça exames laboratoriais e cardiológicos.”

Palavra de especialista



Arquivo pessoal

Cuidado contínuo

Mais do que apenas remover e implantar fios, o sucesso do resultado depende também da preservação da viabilidade do folículo, do controle da angulação, da naturalidade. Então, quando a gente associa tecnologia na extração, permitindo ter um controle melhor dessa extração e implantação com o uso dessas canetas implantadoras, temos um resultado e recuperação muito melhores. É importante lembrar que o transplante é uma das etapas do tratamento da calvície. O acompanhamento no pós-operatório é tão importante quanto a cirurgia. A gente sabe que a calvície não é uma doença que tem cura, mas uma condição genética que tem controle. O único jeito de controlar é com medicação. No transplante de cabelo, colocamos cabelo onde se perdeu. Mas, se não seguir controlando a calvície, os fios nativos continuam a afinar.

Julio Pierezan, médico tricologista especializado em cirurgia de transplante capilar

» Tubo de ensaio | Fatos científicos da semana

Ignacio de la Calle/Divulgação



SEGUNDA-FEIRA, 21

ESTRELA SOBREVIVENTE

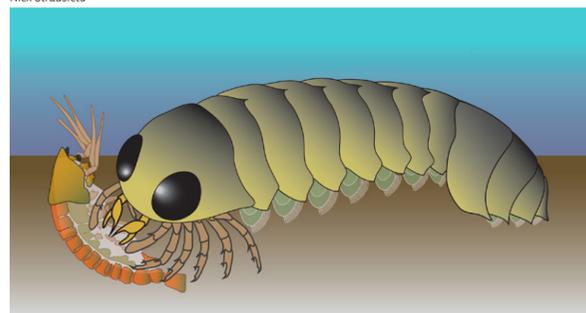
Uma descoberta feita por um consórcio internacional de pesquisadores subverte a visão sobre encontros entre estrelas e buracos negros. Liderados por astrônomos da Universidade de Tel Aviv, os cientistas observaram uma erupção causada pela queda de uma estrela em um buraco negro e sua destruição. O estudo destaca que a explosão ocorreu cerca de dois anos após outra quase idêntica, chamada AT 2022dbl, exatamente no mesmo local. Segundo o artigo, publicado no *Astrophysical Journal Letters*, trata-se do primeiro caso confirmado de uma estrela que sobreviveu a um encontro com um buraco negro supermassivo e voltou. “A questão, agora, é se veremos uma terceira erupção depois de mais dois anos, no início de 2026”, disse o professor Iair Arcavi, membro do Departamento de Astrofísica da Universidade de Tel Aviv e supervisor do trabalho.

TERÇA-FEIRA, 22

ARANHA PODE TER SURGIDO NO MAR

Um pequeno fóssil que viveu há meio bilhão de anos sugere que os aracnídeos se originaram no mar. É o que conclui um estudo publicado na *Current Biology*, realizado por pesquisadores dos Estados Unidos e do Reino Unido, a partir das características fossilizadas do cérebro e do sistema nervoso central de um animal extinto chamado *Mollisonia symmetrica*. Os cientistas se surpreenderam ao descobrir que os arranjos neurais não eram organizados como aqueles em caranguejos-ferradura, como seria de se esperar, mas sim, da mesma forma que em aranhas modernas e seus parentes. A teoria desafia o entendimento convencional de que esses animais surgiram, evoluíram e se diversificaram em terra. “Ainda há um debate vigoroso sobre onde e quando os aracnídeos apareceram pela primeira vez. E se eram marinhos ou semiaquáticos, como os caranguejos-ferradura”, ressaltou Nicholas Strausfeld, da Universidade do Arizona.

Nick Strausfeld



QUARTA-FEIRA, 23

PEGADAS REVELADORAS

Estudo publicado na revista *PLOS One* assinalam que pegadas de uma manada multiespécies de dinossauros, encontradas no Canadá, indicam interação social entre esses animais há 76 milhões de anos. Foi a primeira descoberta do tipo no Parque Provincial dos Dinossauros, em Alberta. O local é mundialmente famoso por seus abundantes fósseis, mas pegadas de dinossauros eram praticamente desconhecidas. A descoberta foi realizada por uma equipe internacional de cientistas há exatamente um ano. Os especialistas identificaram rastros de várias espécies de dinossauros caminhando lado a lado, fornecendo a primeira evidência de comportamento de rebanho, semelhante a como os gnus e as zebras modernos viajam juntos nas planícies africanas.

QUINTA-FEIRA, 24

CENTOPEIAS TERAPÊUTICAS

Estudo realizado por cientistas dos Estados Unidos mostra que as milípedes, apesar da má fama, têm potencial para, no futuro, se tornarem grandes aliadas contra doenças neurológicas e dor. De acordo com a pesquisa, as secreções desses artrópodes podem ser a chave para o desenvolvimento de novos medicamentos. A química Emily Mevers e sua equipe constataram que a substância da centopeia produtora *Andrognathus corticarius*, encontrada no campus de Blacksburg da Virginia Tech, em Stadium Woods, tem a capacidade de modular neurorreceptores específicos nos cérebros das formigas. O resultado do trabalho foi publicado no *Journal of the American Chemical Society*.